

A Architectura Portuguesa

REVISTA MENSAL

DA

Arte Architectural

ANTIGA E MODERNA

Colaborada por architectos e escritores de arte portugesa

ANO VI — N.º 10 || OUTUBRO DE 1913

SUMARIO

Chalet do Ex.^{mo} Sr. Mario Belmonte Pessôa.
Projeto do chalet — Rafael Duarte de Mélo.
Arquitectura dinamarquesa.
Intercalares XIX e XX do projeto.

ASSINATURA (PAGAMENTO ADIANTADO)

Trimestre.....	5000	Para os paizes da união postal Ano..... 65000 Anuncios pela tabéla conforme o espaço.
Semestre.....	15800	
Ano.....	35600	
Avulso.....	5400	

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA PALMIRA, 58, 2.º
LISBOA

TIPOGRAFIA J. PESSOA
13, C. S. FRANCISCO, 13-A
LISBOA

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de architectura pratica

Editor, Director e Proprietario — Nunes Colares
Secretario da Redação — Mario Colares

Composto e impresso na **Tipografia PESSOA** — 13, Galçada de S. Francisco, 12-A
Fotografias de *Manças* — Gravuras de *P. Marinho*

PORTUGUEZA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PALMIRA, 58, 2.º — LISBOA

Ghalet do Ex.^{mo} Sr. Mario Belmonte Pessoa

NO MONTE PALMÉLA

Arquitecto: Sr. Bafael Duarte de Mélo

Vamos dizer alguma cousa sobre uma construção feita ha pouco num dos pontos mais pitorescos do paiz e a que se deu já a denominação da *Riviera portuguesa*.

Descrever a beléza da paisagem que enquadra a linda bahia que, entre a Torre de S. Julião e Cascaes, o Oceo no ali fórma, seria trabalho superior ás nossas forças, quando nem o pincel e tintas de qualquer grande artista tem logrado fazer-o em téla.

E', pois, ali, naquêlo esplendido local e no sopé do Monte Palméla, junto do Monte Estoril, a béla estancia, talvez inigualavel em todo o orbe terraqueo, para nos servirmos da frase consagrada dos poetas, que assenta a linda vivenda de que nos estamos ocupando.

Das janelas do torreão, assim como do terraço coberto da edificação, disfruta-se um panorama, que, no nosso paiz, onde elles, em geral, abundam, não é facil encontrar igual em beléza.

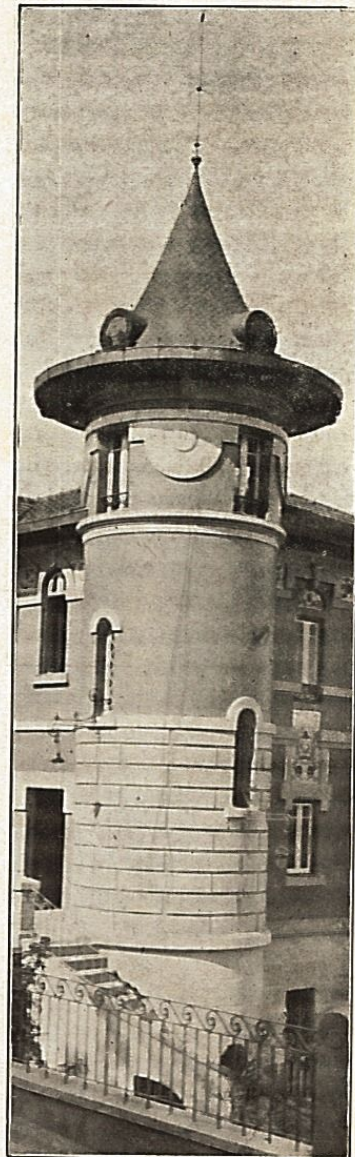
Não podia, pois, ser melhor escolhido o local, onde o seu anterior proprietario, o Ex.^o Sr. Luiz Solheiro, mandou construir a bonita vivenda que, crémos, não chegou a usufruir, pois a passou ao actual proprietario, que bem feliz, e com razão, se considera por ter feito tal aquisição.

Antes de entrarmos propriamente na noticia sobre a construção, seja-nos permitido fazer algumas reflexões, sobre o abandono a que se acha votado o Monte Estoril, que, diga-se de passagem, se deve á energia e bom gosto da falecido sr. Jaime Artur da Costa Pinto, que de um monte pouco menos que escalvado, fez o que hoje ali se vê, que não é muito, é certo, mas que ainda assim representa um grande esforço de vontade numa terra, em que, em logar de auxilio, até se faz opposição a quaesquer melhoramentos materiaes.

O que é facto é que depois da morte daquelle benemerito do Estoril, nada mais se fez, nem sequer a bô conservação, pois que tudo está quasi ao abandono!

E' certo que poucos se lembram, para serem gratos, dos beneficios dos que se foram, mas, não queremos seguir esse exemplo, e diremos aqui bem alto, que o Monte Estoril, com a sua arte, encaminhando a natureza, com a sua arborisação, os seus arruamentos, largos e bem lançados, e até com os seus defeitos, porque os tem, foi tudo obra de Costa Pinto.

Os defeitos, diga-se em abono da verdade, não são da exclusiva responsabilidade d'elle, ma, sim, dos particulares que construíram nos terrenos que a natureza tão bem dispôsera, casas inestéticas e de deploravel mau gosto.

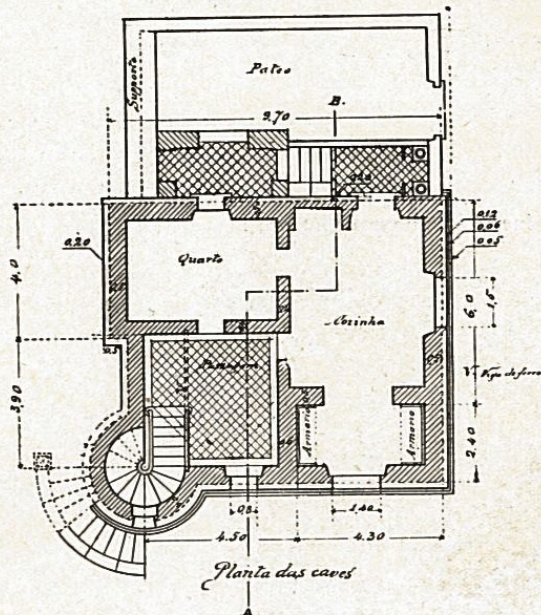


Detalhe — O torreão

O Monte Estoril, noutro qualquer paiz, onde houvesse mais bom gosto, de fórma que a arte melhor acompanhasse a Natureza, seria o atrativo de todos os turistas do mundo.

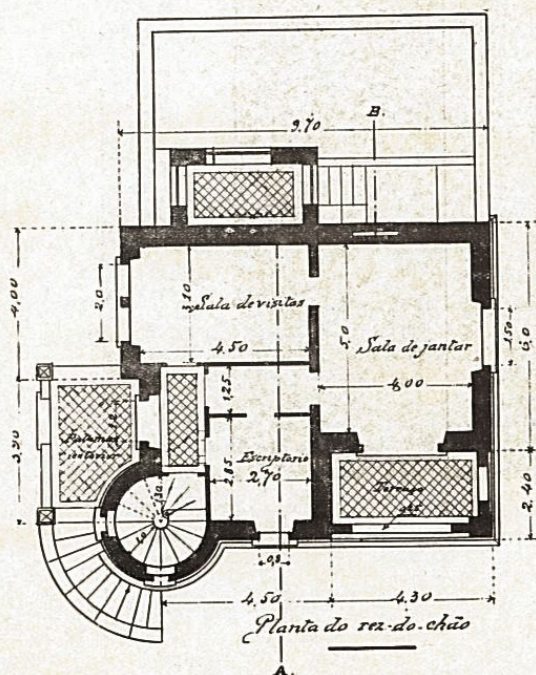
A falta de iniciativa, talvez proveniente da falta de esti-

mulo, tem feito com que seja desconhecido do estrangeiro rico, que viaja, para se instruir, divertir e passar o tempo, tão bello rincão de terra e mar, e por isso vae procurar noutros pontos do globo menos justamente afamados e onde o clima se não



póde comparar, onde gaste o seu dinheiro, que bem melhor podia ser desviado para o nosso paiz.

Uma iniciativa enérgica, inteligente, teria de ha muito feito convergir para os terrenos banhados pela bahia de Cascaes, esses



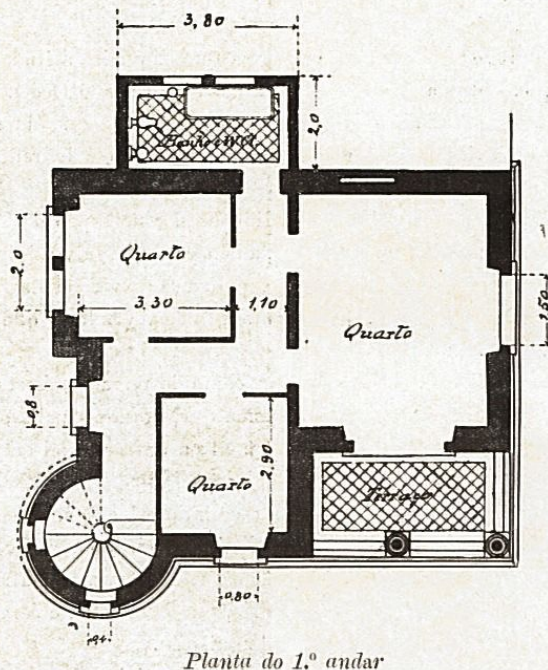
milhares de estrangeiros que percorrem a Europa á procura de um clima temperado no inverno, indo passal-o a estancias muito inferiores; uns, por nem sequer saberem que existe no mundo um tal paraizo, outros, porque, conhecendo-o, não o

procuram porque nelle não encontram as comodidades e facilidades que noutros paizes, embora em peores condições climaticas, conseguem obter.

No Monte Estóril e Cascaes, ha poucos hotéis e desses apenas um ou dois recomendaveis, mas ainda assim sem o luxo e conforto que os argentarios, por exemplo, americanos, desejam ter nos pontos do globo onde querem pousar.

Não ha divertimentos de qualidade alguma, como existem nas grandes praias mundiaes, que teem belos casinos, teatros e outras diversões de toda a ordem, que fazem ali reter o estrangeiro endinheirado, que gasta de bom grado o seu dinheiro, se em compensação o distraem e o divertem.

Ora, é isso que se não encontra no Estoril, onde, apesar de todas as faltas que apontamos, ainda é de estrangeiros, que é quasi exclusivamente povoado durante o inverno, mas de estrangeiros que teem os seus negocios no nosso paiz e nelle



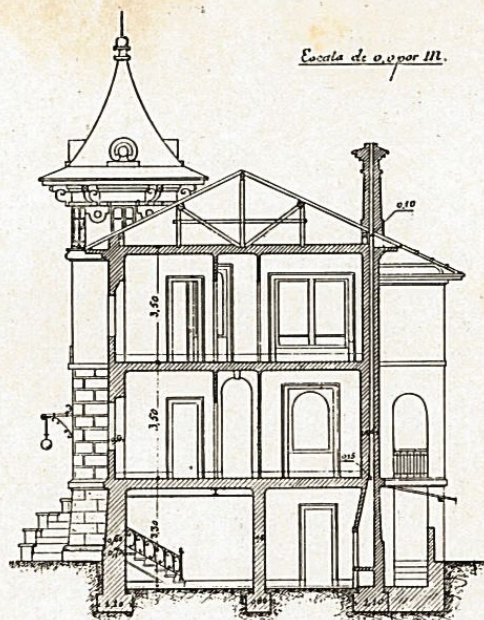
teem de fixar residencia, e não dos que podessem a elle ser atraídos pelos justificados reclames de beleza, salubridade, atrações de toda a ordem, onde se possa passar bem a estação invernosa, como em Nice, Ostende, Biarritz, para não falarmos na Suissa e tantas outras partes da Europa onde se procura atrair o forasteiro, dando á riqueza e o bem estar ás localidades.

Consta agora que uma Companhia, composta de cavalheiros portuguezes e com capitaes exclusivamente nacionais, comprou em Santo Antonio do Estoril a quinta, conhecida pelo nome do seu falecido proprietario, Viana, tencionando ali fazer grandes obras, casinos, parques, hotéis, etc.

Embora a situação não seja já como a altitude do Monte Estoril ou Monte Palmela, concordamos que o local não é mal escolhido para uma tentativa de tal genero, que, oxalá, vejâmos coroada do melhor exito, o que, forçosamente, á de ter logar, desde que á iniciativa presida inteligencia e bom gosto

e não fazer as coisas a *meias tintas*, isto é, com parcimonia. Alguma coisa que ali se faça tem de ser *bom*, ou de contrario, será dinheiro e trabalho perdido.

Tem já o local a grande vantagem de possuir as melhores termas do paiz, para molestias da pele, que tanto fazem sofrer a humanidade, sendo isso já um fâtor importante para



Corte

a concorrência àquela bela estancia, realmente de primeira ordem para estação invernosa, o que podemos afirmar com conhecimento de causa, visto á poucos anos ainda, termos ali passado parte do inverno no chamado «Pateo do Viana» um espaçoso quadrado, cercado por tres lados de casitas de lojas e primeiros andares. Estivémos lá enquanto tivémos companheiros; depois... tivémos de fazer as malas e voltar, porque, emfim, ficarmos em qualquer ponto, por muito bello e higienico que seja, durante muito tempo sem vêmos pessoa alguma, é triste demais.

A quinta do Viana, embora na sua maior parte seja de terrenos baixos, tem no entanto nas extremidades alguns relevos de onde se disfrutam belos panoramas, e que bem aproveitados, podem dar motivo a boas edificações. Oxalá que a empresa vingue e dentro em pouco, com algum trabalho e muito réclamo, mas, com justiça feito, vejamos a *Riviera portuguesa*, tornada de solidão, como é actualmente, centro de bulicio, alegria, luxo, conforto e riqueza, com que tanto poderão ganhar os seus iniciadores, como o paiz.

Mas, deixando, pelo menos por agora este assunto porque sempre nos apaixonamos, vamos, concluir a noticia sobre a linda vivenda do Ex.^{mo} Sr. Pessoa.

Como os nossos leitores vêem, o autor do projéto não teve a ideia de fazer uma estilisação pretenciosa; apenas desejou fazer uma construção de campo, ligeira e não muito dispendiosa, pois que, com todas as instalações modernas, de eletri-

cidade, aquecimento, com a casa de banho, com tintas de ferro esmaltado para banhos de diferentes especies, apenas custou, aproximadamente, dez mil escudos, o que é relativamente muito barato.

As instalações electricas foram feitas pela Empreza Electrica H B C, estabelecida na rua dos Fanqueiros, 17 e o aquecimento foi feito pela casa Piedade Ferreira, ao Intendente.

Os azulejos artisticos uns, são, da Fabrica de Sacavem e outros de Luiz Cardoso.

As cantarias empregadas são de Tires (região de Cascaes).

Foi constructor o habil artista de Cascaes, sr. Domingos Teixeira dos Santos.

A disposição interna das diferentes peças da habitação, estão bem designadas nas gravuras, de fôrma a dispensar-nos de fazer dellas descripção pormenorizada.



Perspectiva das fachadas lateral e posterior

O trabalho do architecto, sr. Rafael de Mello é digno de registo, assim como dos colaboradores, que todos, incluindo o construtor, se esforçaram para que a casa do Sr. Pessoa resultasse o que é: uma bela construção em toda a acção da palavra.

Ricardo Ferreira.

Arquitectura dinamarquesa

(Conclusão)

Nas suas melhores obras, a arquitectura moderna dinamarquesa transformou-se numa arte realmente *emancipada*. Segue-se por isso que se tornou uma *arquitectura fortemente individualista*, mas quando se investigou a sua natureza e se adoptou nas suas multiplas fórmulas de expressão, como o demonstra a regra, vê-se que o estilo geral das obras singelas é mais nitido do que o estilo individual.

* * *

A tradução que acaba de lêr-se está cheia de ensinamentos para nós outros.

Em geral, os nossos architectos vão completar a sua educação técnica em França logo depois de concluírem o curso na escola de Belas Artes, onde durante uns tantos annos viram desenhos de edificações em albuns estrangeiros.

Os que nasceram em Lisboa, muitas vezes daqui vão para Paris, sem terem dado uma volta sequer por algumas terras que ficam além da linha da cintura, de Cintra ou de Cascais.

E por isso se perde a nossa tradição monumental.

Já Alexandre Herculano escreveu á muitas dezenas de annos: «Com a rapidez da cólera ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal e encasa-se em todos os povoados uma coisa hedionda e torpe que, inimiga do passado e do futuro, se chama illustração; que, tendo por lógica o escárnio e por silogismo o camartelo se chama philosophia... Seu mistér é apagar todos os santos afetos da alma e encarnar no coração em lugar deles um canero para o qual nossos avós não tinham nome e que extranhos designaram pela palavra *egoismo*.

E não foi só no prólogo do «Monge de Cister» que escreveu as linhas acabadas de ler. No seu mais rígido estilo dizia ele em 1838: «Colunas, capiteis, abóbadas, torres, portais, arcarias, claustros, tudo foi caiado, doirado, enfeitado, estragado. Procurai na maior parte das nossas sés, das nossas colegiadas, das nossas velhas paróquias, um desses pilares polistilos, desses capiteis e cimbalhas rendadas, desses bocetes e pendurais variados, dessas gárgulas as vezes insolentes, ás vezes terríficas, ás vezes finamente epigramáticas e nada achareis do que foi. Aquêles livros de pedra complexa como os poemas de cavalaria, ingénuos como os poemas do Cid ou des Niebelungen, converteram-se em palimpsestos donde se raspa a história das crenças, dos costumes, dos trajos, das alfaias de antigas eras; onde se apagaram os vestígios de sucessos notáveis, de dramas populares, de lendas poéticas e até retratos únicos de varões singulares. Nesses livros preciosos, em vez do seu primitivo conteúdo, só achareis as rasuras que mãos ineptas ali fizeram e os caracteres que sobre essas paginas outrora eloquentes traçou a piór das barbariss, a barbaria pretenciosa e civilisada...»

Pouco resta da obra monumental doutras eras.

As picotas ou peloirinhos monumentos do municipalismo foram quasi todos destruidos por uma errada interpretação da infâmia que se ligava aos que a eles eram amarrados, mas ainda alguns poucos arcos romanos, alguns pedaços de muralhas foram destruidos.

Ramalho Ortigão narrando alguns vandalismos dessa ordem aponta os que no Porto se praticaram e que se reproduziram por esse país fóra.

Sugestionados pela frase «Ceci tuera cela» que tinham lido como titulo dum capítulo da «Nossa Senhora de Paris», muitos espíritos que se supunham de intellectuais não reflectiram que o presente ia buscar as suas raizes no passado e assim applicavam os conventos a tribunais, a quartéis, a repartições públicas, a casas de camara e em muitas occasões destruíram totalmente paços municipais para os substituírem por imitações copiadas servilmente ás vezes de projetos que as revistas técnicas diziam que se tinham erigido em países novos, com outros climas, outros usos, outros modos de se administrarem.

A reacção talvez já principiasse, mas desenha se ainda a mêdo.

Com a publicação da «Ordem de Cristo», o sr. dr. Vieira Guimarães soube atrair a atenção do país para a cidade de Tomar, mas ao lado da Batalha está-se a erigir um ignobil casinhoto, a que se quer dar o nome de hospital e cujo efeito immediato é quebrar a perspectiva do monumento, projectar-se sobre a sua fachada lateral como uma chapada de lama que mascara uma parede de formoso palácio.

Contra este atentado já reclamou a Sociedade de Propaganda de Portugal, que por mero acaso dele teve conhecimento.

Quantos escaparão todavia por todo esse país?

Quantos terão até a anuência ou o consentimento das autoridades?

Não vem por isso fóra de propósito fazer estas considerações depois da noticia do que se está praticando numa nação que só é pequena em território, mas que em sciência, em estudo, em trabalho, pôde servir de modelo a todos os países que, por terem grande extensão territorial e exércitos com grandes efectivos imaginam que podem dar leis ao mundo.

Mêlo de Matos.

BIBLIOGRAFIA

Publicações estrangeiras recebidas:

Espanha:

Arquitectura y Construccion — Barcelona.

França: Construction Moderne — Paris.

Inglaterra:

The Architect — Londres.

Journal of The Royal Institute of British Architects — Londres

The Plumber & Decorator — Londres.

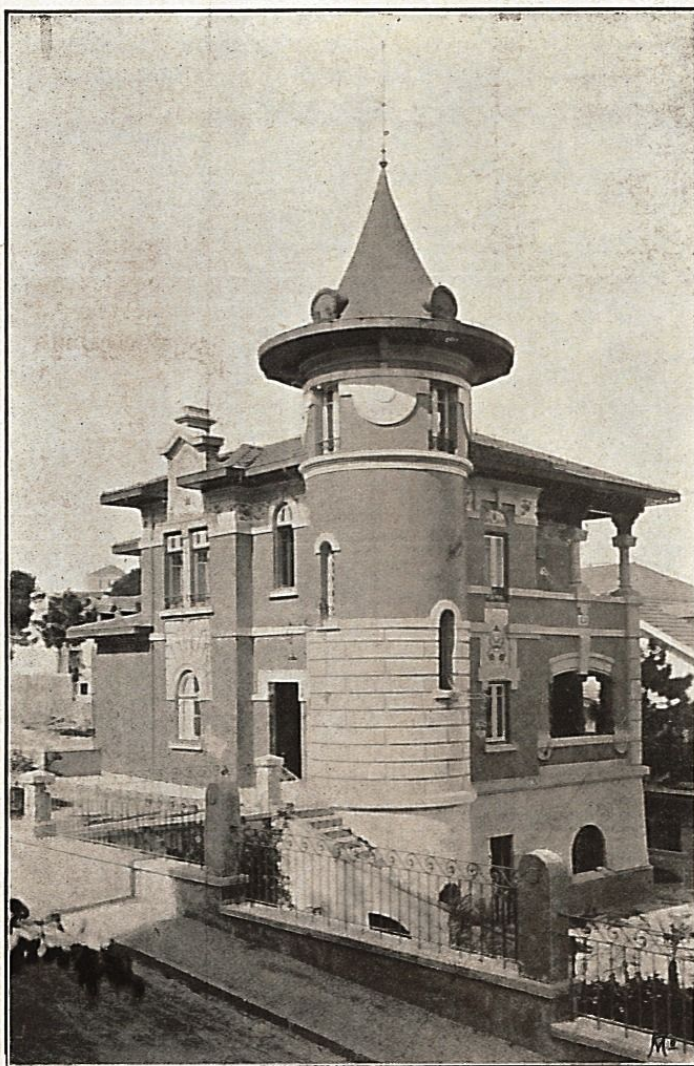
Italia:

Annali della Società degli Ingegneri e degli Architetti Italiani — Roma.

Edili in Medina — Milão.

Casa do Ex.^{mo} Sr. Mario Belmonte Pessoa

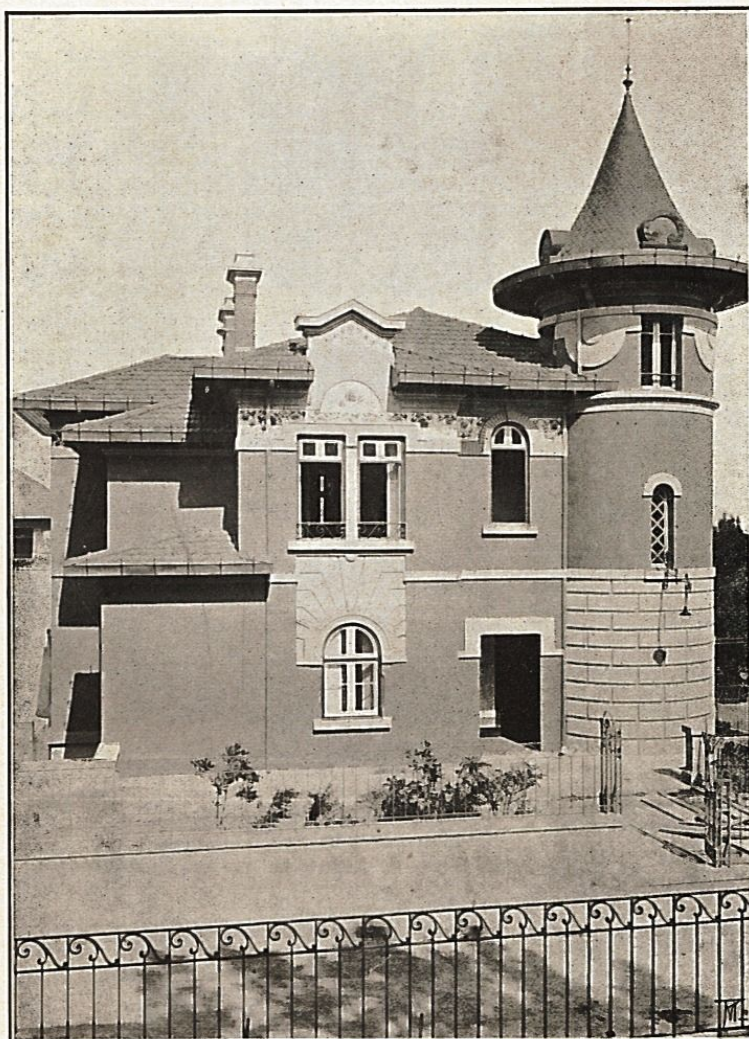
NO MONTE PALMÉLA



Perspectiva das fachadas principal e lateral

Casa do Ex.^{mo} Sr. Mario Belmonte Pessoa

NO MONTE PALMÉLA



Fachada principal